

Durante o período em que realizei uma observação participante, como professora estagiária, em turma de EJA correspondendo ao 4º e 5º ano (E.F.), foram desenvolvidas atividades pedagógicas e através delas pude observar um alto índice de alunos adultos oriundos de regiões interioranas do estado do RS. As falas destes sujeitos configuraram uma realidade de vida na qual dificuldades socioeconômicas dificultaram, e até mesmo impediram, as suas freqüências nos bancos escolares. A migração do interior para o meio urbano, devido a dificuldades financeiras, tornou-se inevitável e com elas novas habilidades foram exigidas. Hoje este grupo, como muitos outros, enfrenta a necessidade de uma aprovação e conclusão escolar para ampliar as chances de obter algum sucesso profissional.

Algumas questões estão em voga e são interessantes para uma problematização no dia-a-dia escolar, tais como: indícios e relatos associados a discriminações sofridas por esses indivíduos e a necessidades de debater e construir a definição de Preconceito. No caso da turma, desconstruir o preconceito existente sobre as diferentes raças humanas foi o princípio de uma reflexão e percepção. Neste sentido embasei meu enfoque em autores como Paulo Carrano (2005) e Marisa Costa (2001) que exploram a leitura crítica do mundo como problematizações sobre as narrativas do “outro”, que explica alguém em um discurso, pois aí temos a linguagem produzindo uma “realidade”.

A partir deste estudo percebo uma necessidade de conceituar o que é a Discriminação e o que é o Preconceito, tendo em vista que os alunos relataram serem vítimas “do Preconceito” por retornarem aos estudos, seja devido ao fracasso causado pela repetência ou pela idade não convencional entre estudantes em classes regulares.